

Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Política Social e Serviço Social

Sub-eixo: Crise, trabalho e tendências contemporâneas das políticas sociais no capitalismo

DOMINAÇÃO BURGUESA ENTRE O VELHO E O NOVO: a ascensão da extrema-direita no Brasil

KAMILLA ALVES DUARTE¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo discutir o processo de ascensão da extrema-direita no Brasil, que culmina na vitória de Bolsonaro, e seu significado para a dinâmica de acumulação do capital. Fundamenta-se no materialismo histórico-dialético e aponta como resultado que o bolsonarismo reatualiza a via autocrática de transformação capitalista no país alinhado aos interesses imperialista.

PALAVRAS-CHAVE: Extrema-direita. Bolsonarismo. Autocracia. Acumulação de capital.

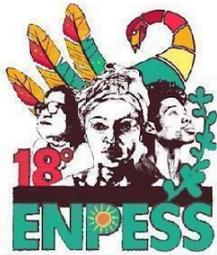
ABSTRACT: This article aims to discuss the process of rise of the extreme right in Brazil, which culminates in Bolsonaro's victory, and its meaning for the dynamics of capital accumulation. It is based on historical-dialectical materialism and points out as a result that Bolsonarism re-updates the autocratic path of capitalist transformation in the country aligned with imperialist interests.

KEYWORDS: Far right. Bolsonarism. Autocracy. Capital accumulation.

1 INTRODUÇÃO

A preponderância do 'velho' no 'novo' é uma marca que transcende todo desenvolvimento econômico, social e político da sociedade brasileira. Mais uma vez, assiste-se ao imbricamento entre ofensiva do capital e a ascensão/restauração do conservadorismo no país. O atual estágio do capitalismo imperialista, comandado pelo financeirização e rentismo, parece impor uma nova rodada de ajustes estruturais, mormente na periferia do capital, para a manutenção da sua

¹ Universidade Federal de Alagoas



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

lucratividade. De modo ilustrativo, pode-se destacar a erosão dos direitos sociais por meio das contrarreformas trabalhista, previdenciária, da Emenda Constitucional nº 95, que impôs um teto de gastos com saúde e educação por vinte exercícios financeiros, retrocessos na política de saúde mental, nas políticas relacionadas aos direitos humanos e minorias, dentre outras. Tais medidas atendem à lógica da acumulação capitalista e tem consequências imediatas no cotidiano das classes subalternas.

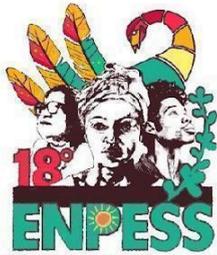
A ofensiva do capital mundializado, contudo, não opera sem o intermédio das elites econômicas nacionais que atuam como salvaguarda dos interesses imperialistas e se mantêm literalmente alheias aos problemas internos enfrentados pela população. Com um sentimento cosmopolita, a burguesia busca conciliar seus interesses de classe, no afã de se apropriar de parcela crescente do mais-valor com os interesses externos, numa espécie de 'democracia restrita', que é funcional apenas para os que têm acesso à dominação burguesa.

No Brasil contemporâneo, a força motriz da dominação burguesa está assentada no avanço do conservadorismo político-social, com forte apelo moral, antissistêmico e anticorrupção. É essa mistura de elementos que tem permitido a arregimentação de uma base social crescente, inclusive entre setores populares, haja vista que o movimento se apresenta como alternativa de contestação do *status quo*, canalizando para si a revolta da população com as ingerências das políticas públicas e com as injustiças sociais.

Internamente, a burguesia nacional vem passando por um processo de complexificação, sofisticando seus aparatos de dominação, procurando modernizar suas relações com o Estado e a sociedade civil, de modo que alguns estudiosos passaram a falar numa "Nova Direita"¹. Sua base ideológica, calcada no conservadorismo, tem sido transmitida por robustos aparelhos privados de hegemonia que tem como missão educar a espontaneidade das massas, criando consensos em torno das crenças e valores burgueses. A sofisticação das estratégias de dominação burguesa perpassa pela constituição de aparelhos *estruturais* voltados para incidir sobre a ossatura do Estado e a criação de aparelhos *doutrinários*, que encontra um canal aberto de comunicação e recrutamento na internet, por meio das redes sociais, de aplicativos de mensagens rápidas, etc. (Casimiro, 2016).

Diante desse processo, entre os diversos extratos que compõe o campo da direita, sobressaiu-se os grupos mais extremados, alcançando a liderança do movimento conservador. De

¹ Convém destacar que há alguma margem de autonomia entre a classe (burguesia) e a forma política (nova direita). Parte da construção política que culmina nesta forma é oriunda de setores pequeno burgueses e classe média.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

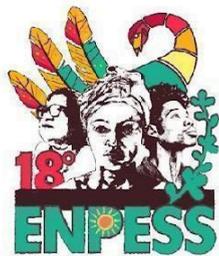
acordo com Costa e Mendes (2021) o Bolsonarismo foi a forma da burguesia nacional e do capital imperialista por dois motivos: primeiro, pela certeza de que a sua primeira opção eleitoral social-democrata (Geraldo Alckmin) seria derrotada novamente nas eleições de 2018; segundo, pela capacidade do bolsonarismo mobilizar apoio político dos 'de baixo' para as elites permanecerem no governo. Sobretudo, num cenário onde as classes sociais subalternas encontram-se num movimento de refluxo, tendo suas lideranças cooptadas e desmobilizadas pela institucionalização dos movimentos sociais que ocorreu nos governos petistas, deixando as massas sem direção política e vulneráveis à captura ideológica das classes dominantes. Em linhas gerais, este é o panorama no qual a extrema-direita assumiu o poder do estado brasileiro com a vitória de Jair Messias Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018, trazendo novos/velhos elementos para a dinâmica da dominação de classe.

O presente estudo, de natureza qualitativa, fundamenta-se no materialismo histórico-dialético porque este permite dimensionar a realidade social em suas múltiplas determinações, ampliando o olhar do pesquisador para uma perspectiva de totalidade, com o intuito de recuperar o fenômeno para além da sua manifestação aparente. Em termos metodológicos, utilizou-se a pesquisa bibliográfica como forma de acessar à literatura pertinente ao objeto. Para uma melhor sistematização das ideias aqui apresentadas, o artigo foi dividido em quatro partes. A primeira vai trabalhar a questão da ofensiva burguesa e a ascensão da extrema-direita. A segunda focaliza o debate nas bases ideológicas do bolsonarismo. A terceira trabalha alguns aspectos da dominação autocrático-burguesa e o recurso ao neofascismo e, por fim, tem-se uma breve conclusão.

2 Ofensiva burguesa e ascensão da extrema direita no Brasil

Ao longo do último terço do século XX, a sociedade brasileira passou por intensas transformações. Foi um período marcado pela efervescência dos movimentos sociais na luta pela redemocratização, pela concretização de direitos e contra a ditadura civil-militar. Ao movimento da classe trabalhadora e de suas organizações político-sindicais, somou-se a ofensiva da burguesia nacional, em articulação com o capitalismo internacional, a fim de barrar o avanço das forças populares.

Tal ofensiva se concretizou em várias frentes, mormente, a partir dos anos 1990. A primeira a ser destacada foi a adoção das políticas neoliberais propostas pelo Consenso de Washington,



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

as quais recomendavam a instituição de um Estado mínimo para o trabalho e máximo para o capital. No plano social, a ofensiva neoliberal deu um golpe nos direitos sociais ao demandar a transferência da prestação dos serviços sociais para o mercado, de modo que “a proposta neoliberal inclui a passagem da proteção social para o mercado, transformando benefícios da seguridade social em ‘novos produtos’ da especulação financeira” (Salvador, 2010, p. 60).

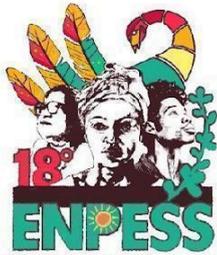
No mundo do trabalho, a reação da burguesia mundializada de forma geral, e das elites nacionais em particular, foi a reconfiguração da classe trabalhadora que passou a ocupar postos de trabalho precarizados, terceirizados, temporários e sem proteção social. O fenômeno da Uberização tornou o trabalhador um empreendedor de si mesmo, aumentando o grau de exploração e espoliação do labor, culminando numa maior fragmentação da classe trabalhadora.

Internamente, outra frente de atuação burguesa, citada por Miranda (2020) ocorre no terreno da luta de classes, por meio da cooptação de organizações como a CUT e o PT, que passaram a atuar no sentido de uma colaboração e conciliação de interesses de classes divergentes. Este movimento operou uma espécie de filantropização da militância política e deu fôlego para a atuação de associações, ONGs, fundações e institutos que passaram a executar tarefas típicas de Estado e a minimizar a necessidade do embate social.

Conectado com o movimento internacional de ascensão da (extrema) direita em diversas partes do mundo, Casimiro (2020, 2016), Calil (2020) e Miranda (2020), apontam outro elemento da ofensiva burguesa que atua no campo da ideologia e da criação de consenso em torno dos interesses dominantes, qual seja, a elaboração de uma diversidade de aparelhos privados de hegemonia (APHs)². Diante das transformações ocorridas na sociedade brasileira com a redemocratização, a guinada neoliberal e a instituição de governos petistas logo em seguida, as diversas frações de direita atuou de modo a organizar novas estratégias e táticas para subir posições na luta de classes contra os trabalhadores. Assim, a constituição dos APHs se relacionou com a necessidade de a burguesia redefinir e atualizar as suas bases de dominação, bem como desenvolver modernas maneiras de se relacionar com o Estado (Miranda, 2020).

Calil (2020) demarca o ciclo do primeiro governo petista como sendo o período no qual se afirmou o avanço da direita - que já vinha em um processo de reconfiguração e atualização desde a redemocratização, avançando na década de 1990 - indo de encontro às narrativas ligadas ao PT

² A noção de aparelho privado de hegemonia em Gramsci se articula com conceito de sociedade civil, de modo que esta aparece como “o conjunto de organismos chamados ‘privados’ e que correspondem à função de hegemonia que o grupo dominante exerce sobre toda a sociedade” (Gramsci *apud* Simionatto, 2011, p. 71). As classes antagônicas constituem os seus aparelhos privados para sistematizarem sua visão de mundo e torná-la dirigente e dominante.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

as quais asseguram que as mobilizações de 2013 (Jornadas de Junho) teriam sido o estopim para o despertar da direita. Segundo Calil (2020, p. 71), o fortalecimento destas,

[...] sustentou-se em dois pilares: a criação de múltiplos, variados e muito bem organizados aparelhos privados de hegemonia dedicados a propagar concepções meritocráticas, individualistas, ultraliberais, antissociais, fundamentalistas, anarcocapitalistas, armamentistas e muitas outras situadas no campo conservador; e a sistemática recusa ao embate ideológico por parte dos governos petistas, ao mesmo tempo em que se aliavam com e garantiam posições de poder a lideranças reacionárias que depois as usariam para apoiar o Golpe de 2016.

Sobre este último elemento, cabe reforçar que a falta de resistência no campo popular abriu margem para a ascensão do Bolsonarismo, inclusive, tendo reverberado de forma desastrosa em amplos setores populares. Este saldo negativo, deriva tanto da institucionalização e transformismo sofridos pelos movimentos sociais e entidades organizativas com a chegada do Partido dos Trabalhadores ao poder, quanto do abandono dos ideais socialistas em favor da conciliação de classe e alianças com setores conservadores como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Voltando a tratar sobre a constituição dos APHs como parte da ofensiva burguesa, ressalta-se que estes aparelhos, sobretudo os de difusão ideológica, dão capilaridade a visões conservadoras, moralizantes, permeadas por concepções machistas, misóginas e homofóbicas que ecoam no cotidiano das classes subalternas por meio redes sociais e aplicativos de mensagens rápidas. Desse modo,

Através da multiplicação de uma miríade de aparelhos de difusão, gradativamente a ideologia dominante ganha notoriedade e força, adquire ressonância em diferentes espaços da vida social e as formas de atuação da burguesia estabelecem conexões nacionais e transnacionais. Tais aparelhos compõe o que se consumou denominar hoje de “nova direita” (Casimiro *apud* Miranda, 2020, p. 34).

Casimiro (2016, 2020) advoga a tese de que os diversos extratos da burguesia nacional constituem uma “Nova Direita”, tendo como elemento definidor o seu *modus operandi*, o qual se caracteriza pela materialização de rebuscados aparelhos privados de hegemonia que atuam como mediação na relação de dominação de classe e na captura da institucionalidade do Estado. Como consequência desse processo, ocorreu uma forte expansão de organizações sociais no Brasil, conforme demonstrou o IPEA (*apud* Casimiro, 2020), que no ano de 2017 havia 820 mil Organizações da Sociedade Civil (OSCs), dentre as quais 86% representavam associações sem

fins lucrativos, 12% eram organizações religiosas e 2%, fundações privadas. Considerando o período de 1996 a 2017, o crescimento foi de aproximadamente 680%.

O mesmo autor propõe uma divisão, meramente didática, entre os APHs em dois grandes grupos, haja vista que uma mesma organização pode apresentar as duas características: os aparelhos privados de hegemonia *estruturais*, os quais estão voltados para a reconfiguração da ossatura do Estado (Casimiro, 2016) e os aparelhos de ação *doutrinária*, que são voltados para a disseminação da visão de mundo burguesa, incidindo sobre as crenças e valores das classes subalternas.

Para exemplificar o primeiro grupo analisado pelo referido autor, pode-se citar o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI), o Instituto Atlântico, Grupo de Líderes Empresariais (LIDE) e o Movimento Brasil Competitivo (MBC). Esses aparelhos atuam no sentido de penetrarem na própria institucionalidade do Estado, de modo a incutirem as concepções de mercado no setor público a exemplo dos ideais da meritocracia, do empreendedorismo, da sustentabilidade, da responsabilidade social e da eficiência. Além disso, os intelectuais orgânicos desses aparelhos passaram a integrar conselhos, setores e órgãos públicos, participando das tomadas de decisões, definições de diretrizes e constituição de políticas públicas (Casimiro, 2020).

Já em relação aos aparelhos de hegemonia doutrinários, o autor destacou Instituto Liberal (IL), o Instituto de Estudos Empresariais (IEE), o Instituto Milenium (IMIL), o Instituto Von Mises Brasil (IMB) e o Estudantes Pela Liberdade (EPL). Calil (2020) destaca a importância do Mídia Sem Máscaras (MSM) como aparelho de doutrinação, criado em 2002, tendo como figura central o autointitulado filósofo Olavo de Carvalho, cujo pensamento irracionalista, reacionário e fascizante dariam as bases ideológicas para o Bolsonarismo.

O MSM constituiu-se como uma espécie de *observatório da imprensa*, a partir da denúncia de que toda a imprensa do país era comunista, logo, ele se colocou como um intelectual de direita voltado a defesa da classe dominante, numa disputa ideológica que foi intitulada por este como *guerra cultural*. O elemento estrutural do olavismo assentava-se no anticomunismo e no pânico moral, suas ideias encontraram muitos adeptos porque ele elaborava respostas simples para os temores de pequena burguesia decadente, de modo a afirmar, por exemplo, que “marxistas, feministas e gays teriam provocado a **crise da civilização cristã** e empurrado a sociedade para o abismo” (Bianchi *apud* Calil, 2021, p. 65).

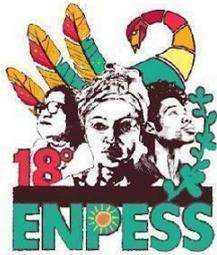
Pela forte atuação nas redes sociais e nas mobilizações de rua durante o golpe de 2016, esses aparatos privados voltados para a educação do consenso entre as massas têm grande relevância para a constituição das forças que levou ao avanço bolsonarista. O interstício entre março de 2015 a março de 2016 foi marcado pelo retorno às ruas de grupos de direitas formados pelos setores médios da sociedade brasileira, reunidos em torno de pautas antidemocráticas e reacionárias, agregando conservadores e ultraliberais nas manifestações que legitimou o golpe contra a então presidenta Dilma Housseff em 2016. Foi neste meandro de insegurança política que as frações de direita mais tradicionais e os segmentos mais extremados e fascizantes se unificaram e se acomodaram em torno do Bolsonarismo.

Temos assim, um heterogêneo e novo movimento político composto por uma *direita* autoritária que contribuiu para o aprofundamento da crise capitalista, possibilitando a ascensão de grupos ultraliberais na direção do Estado e reproduzindo as velhas táticas políticas de opressão, de manipulação e de clientelismo, adepts ao discurso do anticomunismo e do combate à corrupção (Silva, 2021, p. 121).

Num cenário marcado por um conjunto de crises, como a econômica e institucional que golpeou o governo Dilma, a crise política de desqualificação da esquerda em meio aos escândalos de corrupção (os quais ganharam projeções internacionais com a Operação Lava Jato) e a própria crise de legitimidade da direita, fragmentada e dividida em diversos grupos divergentes, criou-se as condições perfeitas para que um político com notoriedade irrelevante se deslocasse da posição de deputado 'folclórico' pelas declarações polêmicas, machistas, racistas, misóginas e posturas autoritárias para o 'mito' aclamado pela 'nova' direita e sua base social identificada nas mobilizações de massa de 2015 e 2016. Logo, infere-se que Bolsonaro não foi simplesmente protagonista pela sua projeção social e vitória eleitoral em 2018, mas um *outsider* oportunista e bem assessorado pelas fatias mais conservadoras da direita.

3 As bases ideológicas de sustentação do bolsonarismo

A projeção nacional de Bolsonaro em meio a reorganização política da direita é permeada por uma construção política e ideológica que serviria de base para o bolsonarismo. Ao longo das quase três décadas em que atuou em mandatos parlamentares sempre adotou posturas reacionárias e ideologizantes em torno de pautas morais, tendências fascizantes, disseminação de discursos de ódio contra minorias sociopolíticas e defesa sistemática da ditadura militar. Sua



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

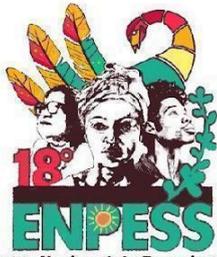
Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

identificação com o militarismo decorre da sua própria passagem pelo exército, de onde deriva a fidelidade eleitoral dos militares e seus familiares para com os bolsonaros, pela defesa de interesses corporativos das tropas em torno de salários e outros direitos.

Mattos (2020) fornece uma síntese dos pilares ideológicos que sustentam o bolsonarismo como face imediata do que ele denominou de “neofascismo à brasileira”. O autor aponta como primeiro elemento, a busca por uma “teoria neofascista” por meio da apropriação e ressignificação de pensamentos conservadores já difundidos. Nessa direção, é que se deve compreender a aproximação do clã Bolsonaro com o Olavo de Carvalho cujo objetivo era “[...] dotar o bolsonarismo de uma “filosofia”, no sentido de uma visão mais articulada e totalizante, que confere sentido a sua ação política” (Mattos, 2020, p. 172).

O pensamento de Carvalho reciclou o pensamento ultradireitista norte-americano, disseminando uma ‘teoria’ conspiratória na qual estaria em curso uma espécie de dominação da esquerda por meio de uma revolução gramscista, cujo objetivo seria se apropriar das mentes humanas, dos aparatos de ensino e da produção cultural. Como contraponto, o anticomunismo seria o elemento estruturador e unificador da ação política de diferentes grupos em torno do olavismo e do bolsonarismo. Este é o fio condutor que dá sentido à perseguição do governo federal contra a produção científica, artística, literária e cultural em geral. Outra dimensão do conspiracionismo bolsonarista materializado na questão ambiental tem a ver com a suposta associação de ativistas ambientalistas com forças internacionais justificadas pelo interesse na Amazônia, constituindo-se como uma espécie de ‘ameaça’ às fronteiras nacionais. Como contraponto à ameaça, a saída seria entregar os recursos naturais à exploração capitalista que também é internacional, mas que gera lucro. Em seguida, Mattos (2020) chama a atenção para o nacionalismo como sendo outro pilar ideológico do bolsonarismo, mas salienta que é um nacionalismo vira-lata que não ultrapassa o jargão “Brasil acima de tudo”, já que o entreguismo tem sido uma marca da subordinação imperialista adotada desde 2018.

Outro eixo estruturante é a denúncia da ideologia de gênero e sua difusão nas escolas durante os governos petistas. O termo tem sido utilizado de forma indiscriminada contra qualquer esforço de educação sexual, combate ao sexismo e a LGBTfobia (Mattos, 2020). Inclusive foi uma grande pauta de arregimentação do voto conservador a propagação do “kit gay”, que na realidade foi inventado por Bolsonaro para desqualificar o adversário petista no processo eleitoral. A história foi forjada a partir do material proposto e nunca distribuído pelo Ministério da Educação (MEC) que se intitulava “Escola sem homofobia” e que não tinha nada a ver com o livro apresentado



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

como kit gay. Nesse movimento, Bolsonaro passou a arregimentar a simpatia e o voto evangélico por se alinhar à defesa de pautas morais de setores conservadores alinhados pelos segmentos pentecostais.

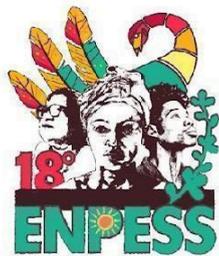
Para finalizar o “cimento ideológico” que pavimenta o bolsonarismo, Mattos (2020) destaca a apologia à violência e o discurso anticorrupção. Sobre a primeira, a saída para a violência urbana seria a responsabilização individual pela própria segurança por meio da utilização de arma de fogo. O autor destaca que este foi um dos carro-chefe da propaganda eleitoral de Bolsonaro que tem procurado mudar a legislação para facilitar a compra, a posse e porte de armas, minando os avanços históricos conquistados com o estatuto do desarmamento. De forma irracionalista, o discurso anticorrupção também inflamou o ego dos camisas amarelas que se fizeram presentes nas mobilizações reacionário pelo golpe de Dilma, e estava diretamente conectado com o antipetismo como se a corrupção fosse prerrogativa apenas do PT, refletindo na projeção de Bolsonaro como um candidato ficha limpa. Aquém das suas vinculações com as milícias cariocas, as rachadinhas, superfaturamento na compra de vacinas contra a Covid-19 e a apropriação de joias sauditas como patrimônio pessoal.

4 O bolsonarismo e a dominação burguesa: uma concessão necessária

A figura caricata de Bolsonaro, com suas piadas de mau gosto e sua ignorância habitual, passou a ser tolerada pelas classes dominantes para levar as últimas consequências os ajustes internos necessários ao aprofundamento da superexploração da classe trabalhadora. Diante disso, houve uma convergência de interesses entre a burguesia nacional e o capital imperialista em torno da sua candidatura à presidência da república e sua consequente ascensão ao poder.

Embora haja interesses distintos e disputas internas entre os diversos grupos que compõem o governo Bolsonaro, destacadamente o núcleo militar, o núcleo ideológico olavista e o ultraliberal comandado por Paulo Guedes, o historiador Marcelo Badaró Mattos, destaca que existem pautas relacionadas à retirada de direitos e a privatização do Estado que articulam todos esses grupos em torno de interesses comuns. Nas palavras do autor,

Militares, olavistas e ultraliberais convergiam em alguns momentos para apoiar determinadas linhas políticas do governo. O melhor exemplo se dá em torno à pauta econômica de retirada de direitos dos trabalhadores, aprofundando a superexploração da força de trabalho e a transferência de fundos públicos, serviços monopolizados pelo Estado e empresas estatais para o controle da acumulação privada (Mattos, 2020, p. 234).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

É sintomático ressaltar que as contrarreformas avançaram em diversas frentes no governo Bolsonaro, seja por meio das privatizações, da desresponsabilização do Estado (explícito na questão ambiental) ou desfinanciamento de políticas públicas. Todas essas frentes estão articuladas com os interesses da acumulação de capital. A política econômica do governo focalizada no ajuste fiscal das contas públicas, com forte apelo midiático, tem atuado como um vetor de erosão dos direitos sociais da classe trabalhadora.

De modo exemplificativo, pode-se mencionar, dentre outras medidas, a contrarreforma da previdência como um mecanismo de retirada de direito, tal como apontou Mattos (2020). A mesma estabeleceu uma idade mínima para a concessão de aposentadorias, fixando em 62/65 anos para mulheres/homens, respectivamente. Na prática, esta medida caducou com o direito de aposentadoria por tempo de contribuição e dificultou o acesso aos benefícios previdenciários para milhares de trabalhadores. O texto-base ainda previa uma pauta, que embora não tenha sido aprovada, estava extremamente articulada com os interesses do capital rentista, que era o fim do princípio de solidariedade pelo regime de capitalização, no qual pretendia-se entregar as contribuições salariais para os bancos privados especularem no mercado financeiro, o que significava a destruição da previdência pública brasileira (Mustafa; Bueno, 2020).

A salvaguarda da economia em detrimento das vidas humanas, ficou muito claro durante os três anos de governo Bolsonaro, sobretudo durante a gestão da pandemia do novo coronavírus. Como resultado da adoção de medidas antipopulares, tem-se a volta do Brasil ao mapa da fome de acordo com o levantamento realizado pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO/ONU). De acordo com o estudo, 61 milhões de brasileiros enfrentaram dificuldades para se alimentar entre os anos de 2019 e 2021. Essas pessoas não tinham certeza do que iriam comer na próxima refeição. No penúltimo relatório, divulgado em 2015, o Brasil havia saído do mapa da fome, mas agora retornou numa situação de insegurança alimentar pior que média global, haja vista que a faixa de corte para a fome crônica é de 2,5% da população passando por situação de falta de alimentos, o Brasil atualmente apresenta uma realidade na qual 4,1% da sua população está passando fome. Para o diretor do Programa de Alimentos da ONU no Brasil, Daniel Baladan, a situação começou a piorar antes da pandemia como reflexo da desigualdade estrutural que existe no país (G1, 06/07/2022).

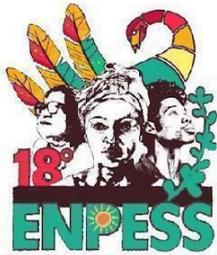
Conforme já ressaltado em outro momento, a primeira opção política da direita brasileira, em 2018, não era Bolsonaro, mas passou a ser pela sua popularidade entre setores e médios e populares. Esse populismo de direita entre os jovens, setores conservadores, classe média e

pequenos empresários foi decisivo para arregimentar a classe dominante em torno daquilo do que se convencionou chamar de bolsonarismo.

Numa análise de fôlego sobre o primeiro ano do governo Bolsonaro, o historiador Marcelo Badaró Mattos recorre às categorias analíticas do neofascismo e da autocracia burguesa como sendo elucidativas para compreender o fenômeno em curso. Ao longo deste texto, alguns elementos do neofascismo à brasileira já foram sendo abordados, contudo de forma mais organizada, pode-se destacar que o autor utiliza o conceito supramencionado a partir da sua mutabilidade e adaptação em relação ao fascismo histórico de modo que não se pode rotular o regime político ou o governo Bolsonaro como sendo fascista, mas alerta para uma dinâmica de 'transição para o autoritarismo' levada a cabo por um presidente com tendências claramente neofascistas atuando num regime democrático em crise e em processo de corrosão de suas instituições (Mattos, 2020). Ressalvadas algumas divergências, Boito Jr. (2021, p.8) nos oferece uma síntese do neofascismo bolsonarista:

O neofascismo surgiu no século XXI e, no caso brasileiro, na semiperiferia do sistema imperialista. É um movimento reacionário de massa predominantemente de alta classe média, e não pequeno-burguês; voltado contra o movimento democrático e popular, e não contra um movimento socialista e comunista de massa que não existe no Brasil atual; mobiliza uma crítica conservadora, de classe média, à corrupção e à política democrática, e chegou ao governo cooptado pelo capital financeiro internacional e pela fração da burguesia brasileira a ele integrada, e não por uma burguesia nacional expansionista que, de fato, não existe no Brasil.

No tópico anterior, ficou claro o conteúdo extremamente ideológico, manipulatório e conspiracionista do bolsonarismo, propagado por meio do discurso de ódio às minorias sexuais, a misoginia, o preconceito racial e social, o anticomunismo, o apelo anticorrupção e a apologia à violência, tendo como inimigo declarado a própria população. Destaca-se também a sua base social assentada na pequena burguesia e nos setores médios, visivelmente expresso nas mobilizações de rua, no eleitorado que concedeu a vitória de Bolsonaro nas eleições de 2018 e nas carreatas da morte onde, principalmente, os pequenos comerciantes se mobilizaram contra as medidas de isolamento social para contenção da pandemia do novo coronavírus. Outra característica ressaltada por Mattos (2020) é a estratégia de comunicação direta com a população por meio das redes sociais e a intensa propagação de *fake News*, através das milícias digitais. As redes sociais acabariam preenchendo a lacuna deixada pela ausência de constituição de um partido de massa neofascista, até o momento inviabilizado pelas divergências internas do bolsonarismo. Além disso, é um canal de comunicação que dá a ideia de proximidade popular,



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

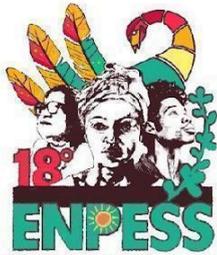
mas evita o confronto direto de ideias por permitir ao ex-presidente falar o que convém e fugir de respostas mais complexas, para quais nunca esteve preparado para enfrentar.

Portanto, seja pela sua base social, seja pelo conjunto de ideias que expressa, em especial de 2015 em diante, Jair Messias Bolsonaro configura-se claramente como fascista, apresentando-se e sendo tratado por seus seguidores como o «Mito», uma designação muito característica e elucidativa da natureza da relação estabelecida (Calil, 2020, p.98).

Mattos (2020) também recupera a noção de autocracia burguesa, cunhada por Florestan Fernandes, para evidenciar que, ao contrário dos países onde houve uma revolução burguesa clássica com forte associação entre capitalismo e democracia, no Brasil o que se constituiu foi a manutenção dos interesses das antigas classes dominantes metamorfoseadas em burguesia ascendente, consolidando uma ditadura de classe institucionalizada no poder do Estado. De modo que, o desenvolvimento capitalista no país esteve sempre assentado em bases autocráticas, ou seja, capitalismo e autocracia asseguraram as transformações necessárias para a introdução nacional na ordem da dominação imperialista numa reiterada posição de dependência e subordinação. Além disso, mantiveram-se irretocáveis os problemas do desenvolvimento desigual interno, derivando daí a necessidade de uma contrarrevolução permanente e prolongada contra qualquer insurgência das classes populares que ponha em xeque o poder burguês. Assim sendo,

[...] Fernandes argumenta que as mais leves demonstrações de manifestação autônoma dos trabalhadores urbanos e/ou rurais seriam tomadas como sérias ameaças ao padrão burguês de *dominação autocrática*. Daí que tal dominação adquirisse um *caráter permanentemente contrarrevolucionário* (Mattos, 2020, p. 102).

Seguindo esse raciocínio, Mattos (2020, p. 236) advoga que a ascensão de Bolsonaro ao poder representa “[...] um momento em que a autocracia burguesa recorre ao neofascismo para garantir a contrarrevolução preventiva”. Embora o regime político ainda seja formalmente democrático, ele segue em crise e impermeável à absorção das demandas populares, numa clara tendência fascizante. Assim sendo, pode-se inferir que as manifestações de insatisfação popular expresso nas jornadas de junho de 2013, nas greves da educação, nas ocupações das escolas, nos movimentos de mulheres, entre outros, deixou claro para as frações burguesas nacionais e estrangeiras que o governo petista “[...] já não era capaz de garantir a paz social, como também não teria capacidade para de levar adiante a agenda de cortes nos gastos públicos e retiradas de direitos no ritmo e na profundidade que o grande capital passava a exigir” (Mattos, 2020, p. 159).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

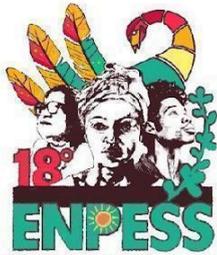
Nesse sentido, o golpe de Temer em 2016 e a eleição vitoriosa de Bolsonaro dois anos depois tiveram o escopo de cumprir com essa função: garantir a extração do mais valor mediante o aprofundamento do grau de exploração e espoliação da classe trabalhadora num país de capitalismo periférico e dependente. Para tanto, de um lado tem-se a implementação dos ajustes estruturais, fazendo passar a 'boiada' das desregulamentações das legislações ambientais, previdenciárias, trabalhistas, assistenciais, educacionais, e etc., e do outro, o recurso à violência neofascista como instrumento de contensão das classes populares tornaram-se imprescindíveis para a manutenção da 'ordem', sendo necessária uma opressão sistemática para prevenir que elas se rebelem. É nesse sentido que se pode compreender o apelo de Bolsonaro ao uso de armas individualmente ou pelo braço forte do Estado, numa espécie de guerra de todos contra todos, como forma de gerir a miséria provocada e agravada pela crise do capitalismo selvagem existente no país.

5 CONCLUSÃO

Nos rumos da argumentação apresentada, pode-se dizer, portanto, que a ascensão da extrema-direita, representada pelo bolsonarismo, reatualiza a via autocrática de transformação capitalista no país de modo a ajustar a dinâmica interna aos interesses de acumulação global do capital. As velhas práticas do autoritarismo e da dominação burguesa são resgatas, ressignificadas e apresentadas à população sob a nova roupagem do populismo bolsonarista com sua forma caricata de ser, com seu discurso raso, sua fama de sincerão, de representante político que fala a língua do povo e que leva o mesmo povo a aceitar, e o pior, a defender a destruição dos seus próprios direitos.

Dentro desse pacote de inovações, faz parte das novas estratégias de comunicação e interação com a população, a utilização de vastos e elaborados aparelhos privados de hegemonia, a disseminação de blogs, páginas de conteúdo conservador nas redes sociais, a utilização da internet para a realização de transmissões ao vivo, disparo de fake News por aplicativos de mensagens e desinformação em geral como parte da ofensiva ideológica da 'nova'/velha direita.

Nesse jogo, a violência neofascista tornou-se um recurso de gestão contrarrevolucionária dos rebeldes e descontentes e o clima de guerra que a ideologia bolsonarista vem propagando cotidianamente parece estar chegando em um nível irreversível. Para demonstrar a exacerbação desse clima de tensão, pode-se mencionar o assassinato político do guarda municipal, Marcelo



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Arruda, em Foz do Iguaçu, no dia 10 de julho de 2022. A vítima estava comemorando o seu aniversário de 50 anos em uma festa cujo tema era o PT e o ex-presidente Lula, quando teve o local invadido por um apoiador de Bolsonaro, gritando palavras de ordem e efetuando disparos contra a vítima que veio a falecer. Embora o crime tenha sido claramente motivado por intolerância política, a polícia civil concluiu em seu inquérito que não houve motivação ideológica para a execução do homicídio, numa clara tentativa de blindar o ex-presidente Bolsonaro de ser responsabilizado por incitar a população à violência e ao ódio político. Aqui claramente à tendência ao autoritarismo pode ser facilmente identificada seja na radicalização da situação de violência entre civis, seja na descredibilização da polícia ao atuar de forma imparcial e tendenciosa minando, portanto, as bases da democracia e do Estado de direito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOITO JR. Armando. **O caminho brasileiro para o fascismo**. Caderno CRH, Salvador, v. 34, p. 1-23, e021009, 2021

CALIL, Gilberto. **Olavo de Carvalho e a ascensão da extrema-direita**. Argum. Vitória, v. 13, n. 2, p. 64-82, maio/ago. 2021

_____. **Brasil: o negacionismo da pandemia como estratégia de fascistização**. Materialismo Storico, nº 2/2020 (vol. IX).

CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. **A tragédia e a farsa: a ascensão das direitas no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.

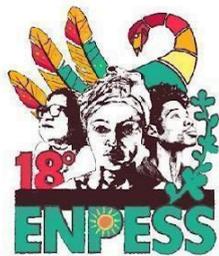
_____. **A Nova Direita no Brasil: aparelhos de ação político-ideológica e atualização das estratégias de dominação burguesa (1980 – 2014)**. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal Fluminense (UFF), 2016.

COSTA, Pedro H. A.; MENDES, Kíssila T. **Autocracia burguesa e bolsonarismo: um ensaio. Marx e o Marxismo** v.9, n.16, jan/jun 2021.

G1: Brasil volta ao Mapa da Fome das Nações Unidas. Disponível em:
<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/06/brasil-volta-ao-mapa-da-fome-das-nacoes-unidas.ghtml> Acesso em: 15 de jul. 2022

MATTOS, Marcelo Badaró. **Governo Bolsonaro: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil**. São Paulo: Usina Editorial, 2020.

MIRANDA, João Elter Borges. Existe uma nova direita no Brasil contemporâneo? In: SANTOS, Mayara A. M. B. dos; MIRANDA, João E. B. (Org.). **Nova Direita, Bolsonarismo e Fascismo: Reflexões sobre o Brasil contemporâneo**. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2020.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

SALVADOR, Evilásio. Crise do capital e o socorro do fundo público. In: **Capitalismo em crise, política social e direitos**. São Paulo: Cortez, 2010.

MUSTAFA, Patrícia Soraya; BUENO, Bruna. **A atual (2019) contrarreforma da previdência social sob a égide do capital financeiro: análises críticas**. SERV. SOC. REV., LONDRINA, V. 23, N.1, P 256-278, JUL./SET. 2020.

SILVA, Sabrina Aparecida da. **Autoritarismo e crise da democracia no Brasil: entre o passado e o presente**. R. Katál., Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 119-126, jan./abr. 2021

SIMIONATTO, Ivete. **Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no Serviço Social**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011.